

SILVINO JACQUES: LITERATURA ENTRE FRONTEIRAS REAIS E IMAGINADAS

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos

Universidade Federal da Grande Dourados
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Resumo:

Nesse artigo visamos a abordar a figura do “bandoleiro” em dois textos que caracterizam a personagem Silvino Jacques, verificando as relações entre fato e ficção na constituição de um imaginário próprio da fronteira Brasil-Paraguai. A partir daí, analisa-se a projeção do herói-bandoleiro numa longa tradição que remonta à *gauchesca* e à personagem do Martin Fierro.

Palavras-chave: bandoleiro, Silvino Jacques, regionalismos culturais.

Abstract:

This article approaches the figure of the *bandoleiro* in two texts that describe the character Silvino Jacques, verifying the relations between fact and fiction in the construction of the specific imaginary of the Brazil-Paraguay border. From this discussion, the study brings an analysis of the projection of the *bandoleiro*-hero in a long tradition that refers to the *gauchesca* and the character Martin Fierro.

Keywords: bandoleiro, Silvino Jacques, cultural regionalism.

Ilha do Desterro	Florianópolis	nº 59	p. 211-232	jul./dez. 2010
------------------	---------------	-------	------------	----------------

*Agora chegou a vez do Oeste.
A literatura enche o vazio da história.*

Introdução

A epígrafe acima, extraída da nota de apresentação, foi escrita diante dos originais do portentoso romance *O Tronco*, de Bernardo Élis. Antes dele, Élis tinha publicado *Ermos e Gerais* (1944) que inaugurara um novo ciclo da ficção brasileira, o sertanismo goiano-mineiro, que vai ser seguido por Guimarães Rosa, Mário Palmério e José J. Veiga. Aliás, 1956, ano de sua publicação, é hoje lembrado como o ano que não terminou, um dos mais produtivos anos do Brasil em termos de obras literárias, crítica e pensamento artístico (*Vila dos confins, Encontro marcado, Doramundo, Grande sertão: veredas, Poesia concreta, Morte e vida severina, poesia-experiência, Mário Faustino*, etc.). Concebido como romance de protesto, *O Tronco* (1956) marca o projeto de transpor para a literatura a percepção bernardiana, ou, o “aprendizado” segundo o qual “havia uma ligação entre literatura e vida cotidiana”. Extraído de uma história real, de um fato histórico ou simplesmente policial, ocorrido nos anos de 1917 e 1918, *O Tronco* retrata a luta encarniçada travada entre contingentes da polícia e a horda de jagunços a serviço de coronéis, numa terra sem lei nem rei.

Num painel assim, o desmando e a violência de toda a sorte imperavam. Nas cadeias do interior goiano, instrumento de tortura utilizado nos tempos da escravidão ainda continuava a servir, em 1918, como punição de adversários ou desafetos das forças municipais, “não havia nem juiz de direito, nem delegado, nem ninguém que pudesse torcer a sua vontade”. E a nota de apresentação do romance de Élis conclui, situando o *locus* da narrativa, seu contexto de *far-west*, e pintando aquele painel com as fortes cores da vida e da saga que constituiu processo civilizatório de uma região e que passou a formar o ciclo do Oeste da literatura brasileira:

A justiça era [...] o 'coronel'. O tronco aparece no massacre de São José do Ouro, repetindo em ponto pequeno a série de horrores que se verificou na sedição de Boa Vista dos Tocantins, no início da República, numa guerra civil de 'coronéis' desavindos, que se prolongou por três anos, de 1892 a 1894, embora não registrada por nenhum compêndio de história, por nenhum livro de história. [...] desconhecido sertão 'belo e terrível', com os seus vaqueiros, jagunços, soldados, sertanejos humildes, mortos nas lutas dos 'coronéis'. [...] *Agora chegou a vez do Oeste. A literatura enche o vazio da história.* (ASSIS BARBOSA, *apud* ÉLIS, 1966, p. xxvi, grifo meu)

Não é de se admirar que os episódios narrados no livro de Élis tenham ganhado o cinema num filme recente, com título homônimo. Do livro ao filme, deparamos com uma narrativa que registra em cores expressionistas a sanha e a saga de um Oeste, que, em muitos aspectos, mostra-se rico em formações discursivas das mais interessantes e ainda pouco exploradas, seja pelo historiador regional, seja pelo comparatista da literatura ou estudioso dos Estudos Culturais. Se a épica do sertão já foi ampla e copiosamente relatada pelos viajantes (NOLASCO, 2003, p.648) e mais tarde explorada no grandioso projeto de Guimarães Rosa, resta ao estudioso, a partir daquele romance bernardiano e em torno dele, buscar os elementos socioculturais, que, nesta região do Oeste brasileiro, propiciaram condições para o surgimento de uma literatura, escrita e/ou oral, e que tornam possível discutir a presença de manifestações culturais muito representativas para historiografia literária, para a Literatura Comparada e especialmente à análise das comunidades inter-literárias e relações entre literaturas de fronteira.(CARVALHAL, 1994, p. 93). Sobre Élis, orientei recente dissertação que resultou em livro publicado (TORCHI, 2005) e sobre o tema do "bandoleiro", evocando a gauchesca e a figura

do Martín Fierro, do qual me ocupo neste texto, estou orientando outra dissertação de mestrado. O universo cultural desta região, objeto de reflexão, reveste-se de especial complexidade, principalmente quando enfocadas as relações interculturais entre os estados de MT e MS, mais os cruzamentos interculturais que se mantêm com os países vizinhos, Paraguai e Bolívia. Compartilhando uma região cultural, encontra-se aí uma das premissas básicas do Comparativismo, *que afirma a arbitrariedade dos limites e a importância das zonas intervalares*.

Léa Masina (1995, p. 845), analisando as “fronteiras do cone sul”, sublinha que “a História dos países do Cone Sul estrutura-se em torno da figura do *contrabando*”, na medida em que os elementos de uma cultura podem ser lidos – porque contrabandeados - nos textos de outra. O que permite ampliar a conceituação de fronteira para além da égide do geográfico, do histórico e do político, deixando entrever “situações que a Literatura Comparada modernamente contempla: o da *contaminação*, o da *migração de temas*, o da *intertextualidade*, o da *interdisciplinaridade*.”

Desta perspectiva, focaremos nossa análise num objeto especialmente inédito no campo dos estudos literários regionais, mas que requer atenção da crítica cultural, seja pela especial importância e originalidade de que se reveste (a crônica do bandoleiro Silvino Jacques), seja pela sua apropriação, recente, por outras linguagens como o cinema, por exemplo, ou ainda, principalmente, por um relato escrito que serviu de motivo e deu origem ao romance-reportagem *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*, escrito por Brígido Ibanhes (2007), já na quinta edição.

Nem só fato nem só ficção: margens e marginais na fronteira do Brasil com o Paraguai

No final de 1929, fugindo das já famosas pendengas e estripulias no Rio Grande do Sul, a figura sombria de Silvino Jacques, ou Valdemar Pereira como se anunciava, chega à região fronteira do estado de Mato Grosso com a República do Paraguai. Com a fama angariada até

então e cada vez mais crescente, o memorial de seus feitos extrapola toda tentativa de inventário, numa longa e aterrorizante página de violência, que tem a duração exata de uma década, quando, em 19 de maio de 1939, no município de Bonito, a captura encontrou o corpo do bandoleiro Silvino Jacques. Esta história tem antecedentes e continuidades. Entretanto, o que interessa aqui é a verificação, em torno da real figura do bandoleiro Jacques, sua fama e fortuna mítica encravadas no solo fronteiriço, através de seu legado escrito, as *Décimas gaúchas*, e de como uma região de fronteira propicia o surgimento e o desenvolvimento de uma figura ímpar, quixotesca, capaz de influir de forma constitutiva não só nas malhas da história mas, principalmente, na representação do imaginário cultural relacionado à condição de fronteira.

É papel da historiografia regional rever as perspectivas críticas de conflitos decorrentes do povoamento e do processo migratório na região Sul do estado de Mato Grosso, desde a divisão. (QUEIROZ, 2006). Aí, os marcos que sinalizam a fronteira geográfica entre os dois países – Brasil e Paraguai - não funcionam como barreiras, nem como um rio, que, descendo, levasse em sua corrente detritos de margens diferentes. Entre os dois países, uma estrada de apenas quinze metros de largura faz a “divisa”, causando sérias “confusões”, já que, teoricamente, à direita está o Brasil e à esquerda o Paraguai, mas nem sempre é desta forma, pois são diversas vias rurais, onde poucos se aventuram a transitar; não existem marcos para se saber onde fica o limite territorial dos países. Neste caso, a fronteira, sinalizada por marcos de cimento no meio do cerrado desabrigado e árido, é linha imaginária que marca, cicatrizando, o imaginário desta região fronteiriça do País. *Para além dos binarismos* e da ordem aparente há outra, que subjaz, quieta, insondável e não lembrada em estatísticas: voz calada, silenciosa, que quer ser vista também como corredor, como fronteira, saudosa ainda nos gestos repetidores de um *far-west* que não quer ser esquecido, que resiste e freqüentemente reafirma sua faceta indômita, acalentada em antigas rixas a brotarem de uma âniã de bandoleiros que ali deixaram seus vestígios. Ainda recente, durante as décadas de 1980 e 1990, quando um grupo de extermínio agia na faixa de fronteira, os corpos eram

jogados no lado paraguaio. (Jornal *O Progresso*, 22/09/05). Atualmente, pontuando essa crônica da violência, assiste-se ao retorno, na região, da indústria da pistolagem: num espaço de quarenta e oito horas dois advogados foram executados e, em menos de oito dias, dois honrados policiais foram assassinados, num episódio envolvendo indígenas que chamou a atenção da mídia local e nacional. Editorial do Jornal *O Progresso*, "Pistolagem em MS", trata dos crimes de pistolagem e suas profundas raízes na história da região, como sintomaticamente se intitula o artigo de opinião "Selvageria e barbárie" no mesmo periódico. (*O Progresso*, 08-09/04/06).

A história do último dos bandoleiros, Silvino Jacques, tornou-se *poiesis* no clamoroso relato de Brígido Ibanhes (2007), cuja narrativa mistura elementos factuais e ficcionais, assim deslocando-se da crônica policial para o relato ensaístico, objeto da crítica cultural. A figura do bandoleiro, pistoleiro, tipificada como matador mercenário / *porojukahá* em guarani, tem seu caráter e feitos embaralhados entre os agentes de uma saga (a violência / o terrorismo) compartilhada por "matadores" ou por "coronéis", estes detentores de algum tipo de poder, freqüentemente à margem do estado, mas todos envolvidos no manto ampliador do terrorismo característico nas formações latifundiárias, próprias do processo de colonização e desbravamento do Oeste. Foi assim que Silvino Jacques, agindo na região de Bela Vista, Caracol, Porto Murtinho, Bonito, Maracaju, registrou suas façanhas em páginas sangrentas da história da região do Mato Grosso. Curioso é notar como uma figura, praticamente tipificada, o bandoleiro / *porojukará*, foi ampliando suas características até um ponto limiar, num efeito de sobreamento de seus agentes, que tanto representam forças oficiais como representam bandos de carabineiros, volantes, a aplicarem suas leis como num velho Oeste, ou, *far-west*. Transitando de um agente a outro, o qualificativo *porojukahá* não só acaba ensombrecendo o espaço e a região que favorece a sua identidade, mas sobretudo torna-se estereótipo singular que nomeia todo o desmando, feitos de violência, fixando-se na história regional como componente de formação e de identidade. Pois, a figura do bandoleiro Silvino Jacques, emaranhada

aos ofícios da pistolagem, matador de aluguel, resulta inextricavelmente emaranhada em sua própria significação; misturando os signos e confundindo os significados de “bandoleiros” e agentes da lei, e confundindo suas referências numa confusão própria da complexidade da condição “fronteiriça”, constitui-se, no final, um signo de limiaridade e transição que embaralha lenda e realidade (IBANHES, 1998).

Lenda e/ou realidade, em último recurso, o analista não mais pode deslindar os fios de uma trama que despista a passagem da fronteira, do posto policial, da alfândega, entre o factual e o ficcional. Como no filme “Os matadores”, de Beto Brant. Nesse filme, que é uma viagem pelo mundo da pistolagem de aluguel, cujo cenário é um bar na fronteira Brasil-Paraguai, um homem está para ser eliminado; o filme reafirma o paradigma “fronteiriço” de um matador que vive à margem, na passagem, entre a cruz e o punhal, para quem matar é um serviço como outro qualquer, ou apenas o começo. Em última análise, um enredo em que é difícil encontrar culpados e inocentes. Sobretudo porque, no filme de Brant, a questão dos matadores, que parecia um fato inicialmente localizado na fronteira, teve início na cidade do Rio de Janeiro, de onde um arrastador parte com um veículo roubado em direção à fronteira Brasil-Paraguai. O filme pode ser visto como o percurso do *investigador* que busca nas fronteiras, reais e subjetivas, as cicatrizes que marcam as regiões fronteiriças do País. Fora o próprio roteiro, a narrativa do filme é uma impregnação de imagens macabras: a cruz grande, rústica, de madeira, na beira da estrada, que se projeta sobre a tela, completando o movimento analógico da letra T – maTadores; de músicas que ressumam amores perdidos, desditas, abandono e infelicidade, num mundo sem fronteiras nem leis onde velhos peões e guapos “borrachos” trocam passos em falso sob o compasso de um porno-forró, tudo servindo de pano de fundo para os dois matadores que acertam a última empreitada. Com efeito, a superposição de realidades, ou a ausência de diferença entre realidade e imagem, entre fato e ficção, parecer ser o que se oferece ao analista como enigma que tenta explicar. Entre imagens estereotipadas ou não, o estudioso percebe,

como desafio à sua condição de fronteira, os índices e sinais deixados em campo aberto, sejam os cemitérios das beiras de estradas ou esquecidos à sombra de um capão de mato, seja a própria lembrança de que tudo parece transcorrer num tempo para sempre ido (o *cowboy*, o pistoleiro, o *West*). Era uma vez... *Once upon a Time in the Est*.

Sob essa perspectiva, que considera a profunda vinculação que o objeto em estudo mantém com o *locus* de enunciação, com o contexto que serviu de base para o seu surgimento, torna-se ainda relevante o cotejo de alguns aspectos de formação discursiva e de representação dos “regionalismos culturais”, nesta região da fronteira.

Uma das manifestações literárias mais importantes da região, que de forma mais completa se voltou para o registro da história e da vida na fronteira Brasil-Paraguai, é a do escritor regionalista Hélio Serejo. Com longa história de vida dedicada à observação da cultura regional, Serejo escreveu exatos sessenta volumes, formando um imenso painel de análise de aspectos tão múltiplos quanto originais na abordagem das questões lingüísticas e literárias a partir da convivência com os ervateiros, à época gloriosa da extração da erva-mate. Alguns dos títulos do autor, *Os heróis da erva*, *Vivência ervateira* e *No mundo bruto da erva-mate*, hoje raros e merecedores de uma edição em obras completas, ilustram a formação da região ervateira. Sua obra dá conta e constitui, por si só, o registro de uma das regiões culturais mais singulares do Brasil, ao abordar as origens e a fundação do povoamento e do desbravamento socioeconômico da nossa “hinterlândia” inóspita. Retrato de um período de grande empreendedorismo que reuniu a região fronteira do Brasil, no Sul de Mato Grosso com o Paraguai e a Argentina.

O registro da gesta e sanha dos pioneiros da Companhia Erva Mate Laranjeira estampa-se na obra do escritor, num florescente apogeu econômico que poucos se lembram hoje em dia. Em uma das “Cartas” publicadas pela Diretoria da Mate Laranjeira, escrita no Rio de Janeiro em agosto de 1941, pode-se ler a seguinte passagem:

[...] apareciam quase sempre as dificuldades invencíveis do transporte. Imagine-se o que não seria naquela época levar o produto do planalto do Amambaí às margens do Paraguai, num percurso de 500 quilômetros mais ou menos, em região completamente despovoada, sem recursos de espécie alguma. A companhia teve que construir à sua custa estradas, pontes, vias férreas, e precisou manter durante anos uma imensa equipe de centenas de carretas e dezenas de milhares de bois e um pessoal enorme, para poder contar com serviço regular de condução para a erva.

E continua aquele missivista, num relato pungente de testemunho vivo do colorido daquela “ilha” civilizatória no Centro-Sul do Estado, e que merece ser lida décadas depois do lançamento de tão profícuas raízes do regionalismo cultural da fronteira:

E assim a Mate Laranjeira que fizera nascer e prosperar Porto Murtinho, Bela Vista, Ponta Porã e outras povoações menores em Mato Grosso, veio criar Guairá e Porto Mendes no Estado do Paraná, unindo-as por uma ferrovia que margeia o Salto das 7 Quedas e liga o alto ao baixo Paraná. Como consequência da ação da Companhia, se formou em Guairá uma belíssima povoação, que, embora de sua propriedade particular, nem por isso deixa de receber numerosíssimos turistas e fazem a viagem no seu ferrocarril até Porto Mendes para dali conhecer uma das maiores maravilhas do continente: as Cataratas do Iguassu. Em Mato Grosso também sua ação civilizadora se estendeu a todo o Sul do Estado e hoje o seu centro de trabalho, Campanário, é um expoente do que podem o esforço e a energia dos que iniciaram essa magnífica obra e dos que prosseguiram na ação de D. Francisco e de seus cooperadores.

Em outra “Carta”, publicada em *O Jornal*, em 13 de Julho de 1941, é o renomado Assis Chateaubriand quem relata o discurso que fez, “aclamado pra dizer algumas palavras em Campanário”, e informa ser esta cidade de Campanário a metrópole sertaneja: “Esta cidade, dentro da selva bruta, é um élan de generosidade e de patriotismo”; registrando ainda a grande movimentação de pessoas em Campanário, a vida participativa dos jovens e professores num grupo escolar de grande prestígio. Conclui sua “Carta” com a seguinte observação: “Não falta colorido nem romanesco à história deste empreendimento”.

Tinha razão o ilustre brasileiro, não faltou o colorido nem o elemento romanesco à história dos ervais. O recente documentário, “Caá, A Força da Erva” (direção de Lú Bigattão e roteiro de Rosiney Bigattão, 2005), filmado nas cidades da região de fronteira entre Brasil e Paraguai, é valioso documento que resgata o ciclo da erva-mate. Com sessenta minutos de duração, o documentário constitui-se do relato de mineiros, cancheadores, urus, gerentes, pequenos funcionários, que contam suas experiências com o empreendimento da erva-mate. Responsável pelo primeiro ciclo econômico do sul do Estado, a erva-mate, explorada pela Mate Laranjeira, não só foi responsável pela ocupação, como inúmeras cidades, entre elas Ponta Porã, Rio brilhante, Caarapó, Porto Murtinho, Iguatemi e Tacuru, nasceram durante a sua extração. (*O Progresso*, 05/04/06). E ainda, é Hélio Serejo, sessenta anos depois da “Carta” de Chateaubriand, quem traz, como legado para a literatura sul-mato-grossense, sua sensível percepção da história deste imenso caldo de cultura, de uma região de etnias diferentes, com a alma de uma época e de um povo numa região distante, registrando os modismos, regionalismos, credices e expressões típicas da fronteira. Já comparado a Jorge Amado para as letras nacionais, é Lenine Póvoas, historiador e crítico literário, quem destaca em Serejo o autor de temas regionais: “mais importante do que Jorge Amado, porque escreve sobre uma das regiões sociologicamente mais importantes do país: a do ‘Melting-pot’ da fronteira Brasil-Paraguai.” (LINS, 2002, p.21). Como autor de *Surrão crioulo* - uma coleção de cinco livros -, que levava em seu próprio

surrão (embornal), Serejo formatou a tradução da vivência de um povo, tornando-se ele mesmo uma espécie de mimetismo da cultura fronteiriça deste canto do Brasil Meridional, no extremo Oeste, como diz em suas próprias palavras:

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. [...]. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira da estrada, de fogo da queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargeado. Sou misto, também de índio vago, cruza-campo e trotamundo. (SEREJO, *apud* LINS, 2002, p.34).

Desse ponto de vista, deve-se considerar ainda o processo histórico da construção identitária do estado de Mato Grosso do Sul, haja vista que, o longo processo político-cultural de divisão do estado não só acabou se inscrevendo como grande página da história regional, como acaba interessando principalmente pelos silêncios e lacunas que fez calar. Sobre a questão, *A Revista MS Cultura*, dedicando-se ao tema da divisão, avaliou “um século de história”, daí extraíndo a crônica da construção identitária. Disso é significativo o próprio título de um dos ensaios ali publicados: “História e estórias de uma velha pendenga revisitada”. Foram muitos os atos e empreendimentos políticos ou feitos históricos que fizeram avolumar copiosas páginas acerca da divisão e que hoje compõem farto material da historiografia regional.

Numa região fortemente vincada por todas as flexões do sintagma “migratório”, o próprio entendimento do que seja uma região precisa ser revisitado. Impõe compreendê-la como dinâmica de um processo, onde a relação entre região, espaço e as representações, subsumidas “no texto e nas demais manifestações culturais”, reflitam naturalmente o processo de inscrição das diversificadas formas de representação. Assim, o próprio componente da memória de migrantes deveria

inscrever-se neste amplo painel cultural, como bem demonstrou a estudiosa das relações entre memória e região:

[...] uma região não é, na sua origem, uma realidade *natural*, mas uma divisão do mundo social estabelecida por um ato de vontade, demonstra na *práxis*, uma das premissas básicas do comparativismo, que afirma a arbitrariedade dos limites e a importância de reconhecimento das zonas intervalares, das fronteiras e das passagens e ultrapassagens. [...]. A região deixa de ser um espaço *natural*, com fronteiras naturais, pois é, antes de tudo, um espaço construído por decisão arbitrária, política, social, econômica, ou de outra ordem qualquer que não, necessariamente, cultural e literária. (BONIATTI, 2000, p.85-86).

Em *Margem de papel* (1994), do escritor sul-mato-grossense Emmanuel Marinho, lê-se importante ressignificação da problemática identitária: ao abordar uma temática própria da literatura regional, já a partir do título “margem de papel”, a obra circunscreve-se sob os restos, as margens e as multifaces do conturbado solo que constitui a representação cultural. Ou seja, o corpo despedaçado do texto, na sua matriz representativa, atua sobre o emaranhamento das relações entre identidade *versus* representação, e o texto acaba atuando, ainda, como margem de papel que indica o macrotexto sócio-político-cultural que compõe a região, o entorno do pantanal mato-grossense.

Assim, descritos os conteúdos de nosso objeto de investigação – o poema narrativo *Décimas gaúchas*, escrito pelo bandoleiro Silvino Jacques, e o romance-reportagem *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*, de Brígido Ibanhes –, resta considerar as relações entre esses dois textos, admitindo que ambos têm como base composicional os feitos e as façanhas do bandoleiro e sua inscrição no tecido da história regional fronteira, chamando a atenção para várias questões de natureza teórico-críticas e daí para enfoques diversos conforme as

questões levantadas pelo investigador. Sob a nossa perspectiva de análise, constatamos que ambos os textos circunscrevem-se num espaço textual fronteiriço, uma vez que ambos podem ser lidos como narrativa factual, sem menosprezo das suas características de discurso ficcional. Ambos transitam entre a crônica e o poema narrativo, com uma forte e preponderante característica de romance-reportagem marcando o texto de Ibanhes. Comprovam-se também, nos dois textos, a presença e a assumida vontade de seus autores em narrar, além dos relatos históricos presumivelmente aceitos como verdadeiros, suas próprias histórias de vida, matizando mais ainda a natureza desses textos como de “cruzamento” de fronteiras, como é o caso dos textos ambíguos, das biografias, da autobiografia e do próprio romance-reportagem. Salienta-se assim, de um lado, o caráter clamoroso do episódio histórico, datado e situado pela obra de Ibanhes, e de outro, a importância do evento ficcional, caracterizador tanto do poema em prosa de Jacques como do romance de Ibanhes. Sobrepõem-se então questões de narratividade e de textualidade inerentes à análise dos discursos histórico e ficcional que têm merecido ampla discussão e criado uma farta bibliografia sobre o assunto. Se, assumindo que em ambos os textos a questão está intrinsecamente relacionada com o papel da linguagem, e, considerando que os fatos são também uma ficção, pois são construídos pela interação entre linguagem, experiência e memória, resta considerar a existência de uma zona de fronteira entre eles. Diante disso, a valorização desses textos cresce à medida que se permitem dizer, ora ao discurso factual, ora ao discurso ficcional, situando-se nas margens e fronteiras de um universo e outro, ou seja, entre a lenda e a realidade. Como observa o estudioso do assunto:

A impossibilidade de se estabelecer uma linha divisória única entre o ficcional e o factual não elimina necessariamente as diferenças entre eles, somente demonstra que não se pode tomar as narrativas ficcionais e factuais como blocos monolíticos e estanques. (COSSON, 2001, p.26).

As *Décimas Gaúchas* : a escritura de um “marginal”

O texto *Décimas Gaúchas*, de Silvino Jacques, a que tivemos acesso através da cópia publicada na *Revista Crônicas e Histórias do Município de Bonito* (1978), narra as peripécias vividas pelo bandoleiro no Rio Grande do Sul e Argentina. *As Décimas*, antes de serem publicadas, há muito eram conhecidas por meio do cancionero popular, que se encarregou de divulgá-las na forma da literatura oral. Trata-se de texto escrito em versos, totalizando quinze páginas, divididas em duas partes. Na primeira parte há 93 estrofes e na segunda 130, todas de 6 versos, sendo que nesta há um trecho com características teatrais, pois suas estrofes são falas do narrador inicial respondidas por um outro denominado “velho”, enfim, um diálogo em versos. O texto tem a forma do cordel nordestino, com estrofes de seis versos: o segundo, o quarto e o sexto versos rimam entre si, trata-se portanto de uma sextilha. Entretanto, apesar da versificação, o texto pode ser definido pelo seu conteúdo como uma crônica em versos. Considerando-se a característica fundamental da crônica, que é a de ser uma lista de fatos arranjados conforme a ordem linear do tempo, pode-se reconhecer como constitutivo de sua natureza tornar-se uma narrativa de fato real ou fictício, de ritmo apressado devido à agilidade dos acontecimentos. Sua *sintaxe lembra alguma coisa solta mais próxima da conversa entre dois amigos do que do texto escrito (...) há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade.* (SÁ, 1997, p.11). De acordo com isso, o texto *Décimas Gaúchas* tem o caráter de uma confissão que seu autor, Jacques, faz a um amigo, onde as peijas, crimes, saudades e solidão constituem a narração do sujeito e de seu mundo à revelia. Já no início da narrativa, Jacques se apresenta como protagonista e locutor do enunciado:

Meu nome eu nunca neguei,
 E não pretendo negar
 Me chamo Sylvino Jacques
 E nunca procuro o mal

Ele é quem me procura
E sempre me há de encontrar.
(JACQUES, *apud* FALCÃO, 1978, p.1).

A natureza cronística é atestada pelo narrador/cronista a insinuar-se como autor de carne e osso, o que envolve aspectos sobre o lugar da enunciação, da memória e dos fios condutores aí implicados e que tocam os limites entre fato e ficção. Gêneros literários assim caracterizados não gozavam de legitimidade, pois que eram vinculados às vozes de setores populares e marginais. Daí, perguntar-se qual era a condição de Silvino, que se revela como um marginal nos vários sentidos que a palavra carrega. Segundo Foucault (1992), a escrita de si ameniza os perigos da solidão e desempenha a função de um amigo. Parece ter sido isso que levou Jacques a contar sua saga, incluindo no relato muitos dos vários crimes que cometeu, desabafando os sentimentos e a própria condição de fugitivo, saudades da família, não escapando à vaidade de ser lido:

Se algum dia, por acaso,
Não puder eu contar vitória
Que meus inimigos me matem,
E assim, cheio de glória,
Eu peça aos meus amigos que leiam a minha história.
(JACQUES, *apud* FALCÃO, 1978, p.6).

Auto-exilado, porque fugitivo da lei, Jacques corria bosques e florestas, subia morros e montanhas, e atravessando rios rompia fronteiras. Seu lugar não existia, era um entre-margens, sua condição era de pária e clandestino, vivia em constante desassossego, olhando sempre para trás:

Depois de entrar na Argentina,
Num sertão quase deserto,
Enxergando meu país,
Na minha frente, tão perto,

E sem poder chegar lá,
 Parecia-me não ser certo.
 (JACQUES, *apud* FALCÃO, 1978, p. 4).

É de se observar, com efeito, a ampliação do universo do discurso das *Décimas*, especialmente no que se refere à repercussão do tema do bandoleiro Jacques, espreado-se pelos regionalismos culturais latino-americanos, com forte presença na literatura rio-grandense, que absorve do Prata e do pampa argentino o rico caudal que a obra *Martín Fierro* (1872), de José Hernández, fez projetar na sua formidável recepção em outros regionalismos culturais. O Silvino Jacques da fronteira Brasil-Paraguai é tributário dessa tradição do *Martín Fierro*, personagem fundador da literatura argentina, ao qual Borges dedicou importante estudo, caracterizando o contexto do tema e projeção da figura do herói/anti-herói:

Alguém pode roubar e não ser ladrão, matar e não ser assassino. O pobre *Martín Fierro* não está nas confusas mortes que cometeu nem nos excessos de protesto e bravata que atrapalham a crônica de suas desventuras. Está na entonação e na respiração dos versos; na inocência que lembra modestas e perdidas felicidades e na coragem que não ignora que o homem nasceu para sofrer. (BORGES, 2005, p.95).

Assim, pária ou clandestino, marginal indomado e auto-exilado, sem pátria e sem família, Jacques teria buscado na escrita o abrigo de quem não tem pátria, inscrevendo-se a si mesmo como um sujeito em trânsito entre fronteiras. Nisso, tanto a sua condição de personagem *passant* quanto a natureza de seu texto mascaram o lugar de enunciado e enunciação. Misturando esses planos, Jacques é a fusão do herói bandido, o Robin Hood gaúcho/sul-mato-grossense, considerado por muitos uma espécie de justiceiro, que faz justiça com as próprias mãos, que tira dos ricos para dar aos pobres, pilhando o grande proprietário em favor do pequeno, fraco e desamparado. Para outros, não passa de bandido cruento, que rouba, mata sem piedade e sem escolher suas

vítimas. Na realidade, a estória de Jacques, como a de muitos bandoleiros, lampião no nordeste, os irmãos James e Billy the Kid no Oeste norte-americano, têm suas estórias romanceadas, onde o real aparece imbricado no mito, na lenda, no fantástico. Difícil é separar a lenda da realidade, pois ambas se confundem e se misturam: homem de boa aparência, boa conversa, pé de valsa, excelente tocador de sanfona, trovador, exímio atirador, de grande sucesso com as mulheres, matador, bandoleiro e herói da Revolução de 32, quando, através de uma ação de guerrilha, às margens do Rio Perdido, neutraliza o inimigo e influi sobremaneira na vitória de Getúlio Vargas.

Retomando a história de Silvino Jacques, o romance-reportagem *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*, de Ibanhes, realiza um vigoroso percurso pela saga de Jacques, na medida em que reúne, através dos recursos próprios do gênero, relatos orais e documentais mais a verve recreativa de autor, que, em vários momentos assume o papel de quem testemunhou os relatos narrados. O livro se propõe a acompanhar os passos do bandoleiro, focalizando, ao lado das questões da identidade fronteiriça, numa rica referência às falas e costumes da região, misturando o portunhol/guarani com os costumes, onde a lei era a do quarenta e quatro, com uma população constituída pelos migrantes gaúchos e de outras partes do país, além de paraguaios. As línguas são misturadas e os costumes entremeados de chiripá e de bombachas e regados a tereré, chimarrão e mate se cristalizando como parte da região do cerrado. Como o próprio Ibanhes relata: "A migração gaúcha, em fins do século XIX, causou uma miscigenação de costumes e tradições, onde o kuê, sufixo que em guarani significa 'o que já foi', se mistura com o tche gaúcho". (IBANHES, 2007, p.30).

Em vários aspectos, é interessante notar como o livro de Ibanhes se torna parte da história narrada e da própria lenda como um todo, uma vez que o livro e seu autor mostram-se num emaranhamento que vai do processo judicial ao fato de o autor colocar-se no lugar de testemunha, cioso das informações ali depositadas. O livro de Ibanhes foi apreendido judicialmente devido ao processo movido contra ele, pela filha do bandoleiro, questionando supostos direitos autorais. Julgado o processo,

o livro foi liberado, com o Juiz de Direito reconhecendo, já em sua sentença, o caráter histórico e mítico da figura do bandoleiro:

Não há como negar-se à obra [...] de autoria do requerido, o caráter histórico de que é imbuída. [...]. Silvino Jacques, efetivamente, é um mito, uma figura histórica do nosso Estado. [...]. Finalmente, revoga-se a liminar de busca e apreensão anteriormente deferida nos autos de medida cautelar... (*Apud* IBANHES, 1997, p.273).

À guisa de conclusão

Iniciamos este artigo anunciando o natureza movediça de seu objeto. Em muitos aspectos o tema aqui abordado continua num crescendo, sobretudo porque o próprio artigo nasce do interesse suscitado pela temática, figuras e obras aqui discutidas. A partir do *corpus* de análise, as *Décimas Gaúchas* e *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*, há que se admitir que a questão vem despertando mais e mais a atenção de estudiosos, oferecendo legitimidade ao objeto e às especulações em torno dele suscitadas.

A história de Silvino Jacques, seja pelo seu registro escrito e documental, seja pelas versões orais, quebra a barreira do histórico para transmutar-se na condição limítrofe de lenda, posto na perspectiva do imaginário que o envolve e o redimensiona. Essa história continua mostrando sua face polemizante, na medida em que o documentário “Silvino Jacques, a saga de um bandoleiro”, recentemente exibido na TVE Regional, em 15/01/06, apresenta várias contradições em relação ao romance-reportagem de Brígido Ibanhes, demonstrando, assim, o caráter semovente de um tema que, fruto de gêneros textuais híbridos, e tributário de sua própria natureza e formação discursiva, requer para sua abordagem um olhar entre limites e fronteiras. Nenhum gênero, nem história, nem ficção, antes o devir do narrar e a condição de texto da cultura, que se coloca à margem, fronteiroço, em transição e em limiar.

Assim, além da análise do *corpus* específico e da revisão da bibliografia, este artigo é parte de uma pesquisa em desenvolvimento, “Regionalismos Culturais: contatos e relações entre literaturas de fronteira”, que visa à análise das inter-relações culturais, interculturalidade, na região fronteira do Oeste sul-mato-grossense.

Referências

- ASSIS BARBOSA, Francisco de. Nota da Editora. In: ÉLIS, Bernardo. *O Tronco*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- BONIATTI, Ilva Maria B. *Literatura comparada – memória e região*. Caixas do Sul: Editora EDUCS, 2000.
- _____. *Diversos olhares sobre crítica e cultura*. Caixas do Sul: Editora Maneco, 2006.
- BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarida. *O “Martín Fierro”*. Trad. Carmem Vera Cirne Lima. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- CARVALHAL, Tania Franco. Comunidades inter-literárias e relações entre literaturas de fronteira. In: ANTELO, Raúl. (Org.). *Identidade & representação*. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSC. Florianópolis, 1994, p.93-102.
- _____. O processo interliterário: teorias e problematização. In: II Seminário de estudos literários. *Anais...* Programa de Pós-Graduação em Letras. Assis. Unesp de Assis-SP, 1992, p.139-149.
- COMPANHIA MATE LARANJEIRA. Rio de Janeiro, 1941.
- COSSON, Rildo. Narrativa ficcional / narrativa factual: anotações sobre fronteiras discursivas. In: Nolasco, Paulo Sérgio. (Org.). *Literatura comparada: Interfaces e transições*. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.
- _____. *Romance-reportagem: o gênero*. Brasília: Editora UnB, Imprensa Oficial, 2001.
- _____. *Literatura factual: Ensaio sobre o romance-reportagem*. Pelotas: Editora da UFPEL, 2002.
- ÉLIS, Bernardo. *O Tronco*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1967.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Porto: Vega Editora, 1992.

HERNÁNDEZ, José. *Martin Fierro*. 5ª. Ed. Bilingüe. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2004.

IBANHES, Brígido. *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*. 5ª.ed. Dourados-MS: Dinâmica, 2007.

_____. *Silvino Jacques: o último dos bandoleiros*. 3ª. ed. Dourados-MS: Dinâmica, 1997.

_____. Meu adeus a um matador. In: Nolasco, Paulo Sérgio. (Org.). *Ciclos de literatura comparada*. Campo Grande: Editora UFMS, 2000.

IBANHES, M. de L. Gonçalves de. Silvino Jacques: entre a lenda e a realidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA COMPARADA, 7, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1998. Cd-rom.

JACQUES, Silvino. Décimas Gaúchas. In: FALCÃO, T.G. *Crônicas e Histórias do Município de Bonito*. v.1, Bonito-MS: Edição Independente, 1978, p.15-30.

JORNAL *O Progresso*. Dourados-MS, 22 de setembro de 2005.

JORNAL *O Progresso*. Dourados-MS, 05 de abril de 2006. Caderno B, "Caá, a força da erva".

JORNAL *O Progresso*. Dourados-MS, 8/9 de abril de 2006.

LINS, José Pereira. *O sol dos ervais* – Exaltação à obra literária de Hélio Serejo. Dourados: Editora Dinâmica, 2002.

MARINHO, Emmanuel. *Margem de papel*. Dourados: Manuscrito Edições, 1994.

MASINA, Léa. Fronteiras do Cone Sul: Limites Transcontextuais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA COMPARADA, 3, Niterói. *Anais...* Niterói: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1995, p.839-846.

NOLASCO, Paulo Sérgio. Um *outdoor* invisível: imagens do pantanal sul-mato-grossense. In: Carvalhal, T. F. (Org.). *Culturas, Contextos e Discursos* – Limiares críticos no comparativismo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

- _____. Margem de papel ou corpo despedaçado do texto. In: *Revista Physis*. Editora UERJ, Rio de Janeiro, v.12, n.2, 2002. p.235-251.
- _____. Notas à margem: fato e ficção na construção identitária de Mato Grosso do Sul. In: *TRANS / VERSÕES COMPARATISTAS – I Colóquio Sul de Literatura Comparada e Encontro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL*, 2001, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2002, p.151-161.
- _____. Uma trajetória de pesquisa: a literatura no extremo oeste do Brasil. In: *Revista Cerrados*. Programa de Pós-Graduação em Literatura. n.19, Brasília: Editora da UnB. 2005, p.143-158.
- _____. Uma história de região: constituições literárias e regionais no extremo oeste do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LITERATURA COMPARADA, 10, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2006, Cd-rom.
- NOLASCO, Paulo Sérgio. Guimarães Rosa e Manoel de Barros; um guia para o sertão. In: *Veredas de Rosa II*. II Seminário Internacional Guimarães Rosa. Belo Horizonte: Editora PUC Minas. Belo Horizonte. 2003.
- _____; MARINHO, M.; RUSSEFF, I. (Org.). *Ensaios farpados : Arte e cultura no pantanal e no cerrado*. 2ª ed. rev. ampl. Campo Grande: Editora Letra Livre / Editora UCDB, 2004.
- QUEIROZ, Paulo R. Cimo. Notas sobre o divisionismo e identidades em Mato Grosso do Sul. In: *Diálogos – Revista do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá*. 2006, v.10, n.2.
- REVISTA MS Cultura. Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. n.3, set./out. 1985.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SEREJO, Hélio. *No mundo bruto da erva-mate*. Tupã-SP: Gráfica e Editora Cingral, 1991.

_____. *Vivência ervateira*. Tupã-SP: Gráfia e Editora Cingral, 1991.

_____. *Os heróis da erva*. Presidente Venceslau-SP: Gráfica Bachega, 1987.

TORCHI, Gicelma da F. *A costura da colcha – Uma leitura de Bernardo Elis*. Pereira Barreto: Academia Editorial, 2005.